

## **Fazei tudo o que Ele vos disser:**

### **A nova aliança e o vinho do amor**

#### **I**

Nas *bodas de Caná* a presença de Jesus e de sua Mãe teve pelo menos duas consequências: purificou o sentido das bodas ou das núpcias, que no Antigo Testamento já tinham um profundo sentido teológico, não só porque no «princípio» Deus abençoou o matrimónio dando ao homem e à mulher a missão de povoarem a terra e também o céu com os filhos que representam a bênção de Deus de que é expressão a fecundidade (Gn 1,28), mas também porque no Antigo Testamento as bodas são a expressão da relação de aliança de Deus com o seu povo: o facto de em hebraico *Israel* ser um nome feminino, permite traduzir simbolicamente a relação de aliança, sendo Deus esposo de Israel e Israel a esposa de Deus: “Assim como a esposa é a alegria do seu marido, assim tu serás a alegria do teu Deus” (Is 62,5).

Mas este sentido teológico tinha-se estragado ao longo da história que pode ser narrada como a história da fidelidade de Deus a respeito de uma esposa que lhe é infiel e estéril (Os 2,20-22). Por isso é que, nas bodas de Caná, as *seis talhas* vazias manifestam a imperfeição e a esterilidade da antiga aliança, na qual é preciso deitar água e encher totalmente, da água que depois será transformada em vinho (Jo 2,9), mostrando assim que Jesus transforma o vazio e a esterilidade da antiga lei com os seus preceitos, na nova aliança que n’Ele se realiza e que traz consigo a plenitude da vida e da alegria: Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância; dar-lhes-ei a minha alegria, aquela alegria que o mundo não pode dar porque não me conhece (cf. Jo 14,11; 16,22).

Quando a Mãe do Senhor diz aos servos para que «façam tudo o que Ele vos disser» (Jo 2,9), está a convidá-los a que se coloquem nesta nova disposição de participarem activamente na dinâmica da nova aliança das novas bodas que já não são aquelas, nas quais a Mãe de Jesus está - «a Mãe de Jesus estava lá» (Jo 2,1), mas na qual Jesus e os seus discípulos estão apenas como convidados - «que tenho Eu a ver com isso, mulher?» (Jo 2,4) -, mas as outras, cujo tempo de realização é a «hora» de Jesus que ainda não chegou (Jo 2,4), mas que, de certo modo, nas bodas de Caná é antecipada: a grande

hora de manifestação da glória, da aliança e do amor, em espírito e verdade, que Jesus traz, mas traz porque Ele mesmo é o cumprimento pleno dessa *hora*.

No Evangelho de S. João a *hora* é uma designação temporal muito importante: quando os primeiros discípulos O encontraram, era por volta da *décima hora* (Jo 1,39). Mas a *hora* mais importante é a de Jesus: uma hora que ainda não chegou, como é aqui nas bodas de Caná dito; uma hora que vai chegar, em que os verdadeiros adoradores do Pai o farão, não em Garizim nem em Jerusalém, mas em Espírito e Verdade, como Jesus explica à Samaritana junto ao poço de Jacob (Jo 4,23); uma hora que se aproxima; uma hora que finalmente chega, como Jesus proclama na grande oração sacerdotal, durante a última ceia com os seus discípulos: «Pai, chegou a hora» (Jo 17,1).

Esta *hora* é determinada como o tempo da manifestação da *glória* de Deus. Este tema da *glória* evoca em S. João a manifestação da grandeza e majestade divina, acompanhada de sinais exteriores, como no Monte Sinai (Ex 19,18), na *hora* da grande aliança de Deus com o seu povo, de que, aliás, temos um eco nas bodas de Caná, porque as palavras da Mãe do Senhor aos servos - «fazei tudo o que Ele vos disser» -, fazem-nos recordar as palavras do Povo no Sinai respondendo ao código da Aliança – as tábuas com a lei de Deus ou seja os mandamentos -, dizendo: «faremos tudo o que o Senhor nos disser» (Ex 19,8). Nesse tempo, a majestade e a glória de Deus manifestavam-se na *lei*, codificada nos mandamentos que eram apresentados como caminhos que conduziam à vida, à santidade, segundo o mandamento: «sede santos, como Eu, vosso Deus, sou santo» (Lev 19,2). Nos evangelhos encontramos o eco desta divina majestade da perfeição da lei, quando Jesus diz, no sermão da montanha: «sede perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5,48).

Mas a Lei antiga é levada à perfeição no novo mandamento do amor: *dou-vos um novo mandamento: amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei* (Jo 13,34). É no cumprimento deste *mandamento* que se manifesta a glória de Deus: se cumprirdes os meus mandamentos, sereis meus amigos, e meu Pai será glorificado (Cf. Jo 15,14).

Quando Jesus responde a sua Mãe que a sua *hora* ainda não tinha chegado, está a referir-se à hora por excelência da sua *glorificação*, ou seja, a *hora* da sua morte, pois foi então que Jesus manifestou plenamente a *glória* de Deus levando até ao fim a manifestação do amor: Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho; não para o condenar, mas para o salvar (Jo 3, 16).

Que mundo é esse que Deus ama? É o mundo como criação, pois tudo foi feito pelo Verbo que está junto de Deus (Jo 1, 3); é o mundo humano, do homem e da mulher criados à sua imagem e semelhança. Mas há um mundo que Deus não ama, pelo qual Jesus não reza: é o mundo do maligno, o mundo dominado por Satanás, o príncipe das trevas, que entrou em Judas e o levou a trair o mestre, não acreditando no amor (Jo 13,37).

Os discípulos de Jesus estão neste mundo, mas não lhe pertencem; por eles Jesus reza para que o Pai os preserve do mal, e eles participem da sua vitória: «no mundo tereis aflições; sereis perseguidos por causa do meu nome, não tenhais medo: Eu venci o mundo» (Jo 16,33).

A morte de Jesus na cruz é a hora da glória, porque é na sua morte que, aparentemente, Ele é vencido pelo mundo das trevas; mas na realidade é vitorioso sobre o mundo: porque ninguém lhe tira a vida: é Ele que a dá e dá-a aos que n'Ele acreditam e os que n'Ele acreditam recebem a plenitude da sua vida e da sua alegria (Jo 16,24).

Nas bodas de Caná Jesus dirige-se a sua mãe dizendo: *mulher*. A mesma invocação aparece na hora da cruz quando Jesus se dirige a ela dizendo: *Mulher*. Por sua vez, Pilatos, quando apresenta Jesus, flagelado e coroado de espinhos, à multidão, diz: *Eis o Homem!* (Jo 19,5). Segundo S. João é na hora da paixão que se revela o verdadeiro Adão – Jesus Cristo, o Homem segundo Deus, e a verdadeira Eva, Maria, os quais representam o verdadeiro início da história da salvação, pois esta foi a Hora que Deus sonhou, na qual pensou desde toda a eternidade.

Jesus entrega ao discípulo predilecto a *mulher* como Mãe e é a partir daí que a Mãe do Senhor se torna a autêntica mãe de todos os viventes, dos que verdadeiramente vivem, porque acreditam, tal como ela, naquele que é a fonte da vida, de cujo seio, de cujo lado, agora aberto, jorram os rios de água vivem e quem desta água bebe viverá para sempre (Jo 7,38).

Esta cena da entrega de Maria ao discípulo que a toma como sua (Jo 19,37) precede a cena do *consumatum est* (Jo 19,30), aquela palavra que Jesus pronuncia e que significa que tudo foi consumado, plenamente realizado, nesta *hora* na qual verdadeiramente a glória de Deus se manifesta, ou seja, o amor pelo homem levado até ao fim (Jo 13,1). Depois que Jesus, inclinando a cabeça, entrega o seu *espírito* (Jo 19,30), vêm os soldados e um deles abre-Lhe o lado com uma lança (Jo 19,34). Nos evangelhos sinópticos, no momento da morte de Jesus o véu do templo rasga-se do alto a baixo (Mt

27,51), mostrando assim que o lugar do Santo dos Santos no templo físico de Jerusalém ficava, a partir da morte de Jesus, patente, aberto para todos e não apenas para o Sumo-sacerdote uma vez por ano (Heb 9,12). Em S. João não há a cena do véu do templo, mas sim da abertura do lado pela lança, abrindo-se assim o caminho para o coração de Deus, do qual jorra sangue e água. A abertura do lado de Jesus corresponde ao rasgar-se do véu do templo, porque Jesus é o verdadeiro templo de Deus, que destruído, em três dias será renovado (Jo 2,21).

Este é o grande mistério, a *hora* da manifestação da glória, porque nessa hora é aberto o caminho que conduz o homem a Deus e que conduz Deus até ao homem; é aberto o caminho que conduz à morada de Deus, o coração de Jesus, e aberto o caminho da morada de Deus, o coração do homem que contempla e que acredita no mistério do lado aberto que conduz o homem ao coração de Deus e Deus ao coração do homem.

A hora que Jesus antecipou nas bodas de Caná no *sinal da água transformada em vinho* realiza-se aqui, onde temos o sinal da água e do sangue que brotam do coração de Jesus. Nesta hora realiza-se as bodas do cordeiro imolado (Ap 19,7-8), as bodas da nova aliança no sangue do cordeiro, as núpcias do cordeiro imolado e da sua esposa, de Cristo e da Igreja, representada esta na figura de Maria e do discípulo que Jesus amava. A morte de Cristo na cruz é a manifestação máxima do amor, porque amar, verdadeiramente, é ser capaz de dar a vida por aqueles que se amam (Jo 15,13), mesmo quando estes nada podem dar em troca; amar é querer o bem daquele que se ama, pelo que ele é em si mesmo e não por aquilo que dele podemos receber; amar é dar a vida, como Jesus Cristo, num amor sem medida, que torna amáveis aqueles que à partida não o eram.

A cruz aparece assim como o tálamo nupcial do cordeiro, do esposo que se entrega pela sua esposa, morrendo de amor por ela. Por isso, a morte de amor de Jesus Cristo na cruz é fonte e modelo de todo o amor, quer o amor conjugal quer o amor fraterno que une todos aqueles que são discípulos e que se amam no Senhor, se amam porque foram amados primeiro, porque o amor de Deus nos precede, porque nos amou, como diz S. João, quando ainda éramos pecadores, ou seja, indignos de ser amados (1Jo 4,10).

S. Paulo entendeu bem este mistério da morte de Cristo na Cruz e foi a esta luz que ele viu em que consiste o amor que distingue os cristãos de todos os outros – os discípulos que se amam no Senhor, de um amor oblativo total – e mesmo o amor conjugal, o amor do casal. Na carta aos Efésios (Ef 5,25-32), quando fala do amor conjugal, S.

Paulo diz que o marido deve amar a sua esposa como Cristo amou a Igreja, entregando-se por ela e morrendo de amor por ela; e que a esposa deve ser submissa a seu marido, ou seja, acolher este amor sem reservas e corresponder-lhe numa entrega total, realizando o que a Escritura dissera desde o princípio: que, unindo-se no Senhor, o homem e a mulher formam uma só carne e por isso são inseparáveis aqueles que Deus uniu (Mc 10,9).

Quando a Mãe do Senhor diz aos servos que «façam tudo o que Ele vos disser», está a convidá-los a passarem para a lógica da nova aliança que se consumou, afinal, na hora da cruz, vivendo no amor para que, na força de Jesus Cristo, unidos a Ele como a videira aos ramos (Jo 15,4), possam amar como Ele amou (Jo 13,34).

## II

Para os casais das Equipas de Nossa Senhora esta palavra é fundamental. Desde o princípio, nos anos quarenta, o P. Caffarel e os primeiros casais tiveram como preocupação encontrar um meio, um método que os ajudasse a viver a santidade que é própria daqueles que celebram o sacramento do matrimónio. Ora o sacramento do matrimónio, tanto no modo como S. Paulo lê este *mistério* como no modo em que S. João o faz, é a celebração eficaz e o sinal vivo deste mistério de Cristo e da Igreja, que vivem um amor *esposal* plenamente humano e divino, de um amor uno, exclusivo, indivisível, oblativo e fecundo, qualidades que a mentalidade mundana actual não entende e por isso não aceita. Mas, não entendendo nem aceitando, se o mundo actual daqueles que recusam viver o amor deste modo ao menos ainda fossem felizes?! A verdade, porém, é que não aceitando viver o amor deste modo, como se colhe na contemplação da hora da consumação do amor em S. João ou no modelo de espiritualidade conjugal que nos apresenta S. Paulo, o que acontece no mundo de hoje é a calamidade do adultério, do divórcio e do aborto em larga escala, tendo como resultado a infelicidade dos homens e das mulheres e as patologias psicológicas, morais e espirituais de todo o género, das quais a depressão e a acédia são as manifestações mais evidentes. O mundo actual está mortalmente doente, porque os homens e as mulheres não querem viver o amor que salva, que liberta, aquele que só é possível viver no mistério de Cristo e da Igreja.

Aristóteles, ao meditar sobre a autêntica amizade, assim a definia: *querer o bem do outro pelo que ele é e não por aquilo que dele quem ama pode receber*<sup>1</sup>. Mas logo a

---

<sup>1</sup> ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, VIII,3,1156b 10.

seguir diz: mas é raro encontrar homens que vivam assim a amizade neste ideal de perfeição<sup>2</sup>.

Mas aquilo que é raro entre os homens, porque aos homens é impossível, como Jesus diz no evangelho, referindo-se precisamente a esta relação entre o homem e a mulher e ao ideal do matrimónio que os discípulos haviam de viver, conclui: mas ao que aos homens é impossível, não é impossível a Deus (cf. Mt 19,10-11.26). Por isso a regra entre os cristãos devia ser a de viver o amor e o amor conjugal à maneira de Jesus: *amai-vos uns aos outros como Eu vos amei* (Jo 13,34). Mas isso só é possível se vivermos *no Senhor* (1Cor 7,39).

Foi neste sentido que o P. Caffarel e os primeiros casais chegaram progressivamente não só a tomarem como padroeira *Nossa Senhora* (Casais/Equipas de Nossa Senhora), para viverem na lógica da ordem por ela dada nas bodas de Cana – *fazei tudo o que Ele vos disser* -, mas também a chegarem à formulação do método do nosso Movimento – os pontos concretos de esforço – pelo qual, se os casais forem fiéis, podem colocar-se no caminho que os conduz à vivência da perfeição do amor, à imagem de Cristo e da Igreja, do qual os casais, unidos pelo sacramento, são sinal vivo e eficaz.

É urgente que os nossos casais redescubram, se porventura tenham esmorecido no seu entusiasmo, ou vivam ainda mais intensamente a graça do sacramento do matrimónio, indo assim ao encontro do que o sínodo dos bispos se propõe: que os casais e as famílias vivam intensamente o mistério do sacramento do matrimónio; redescubram a eficácia terapêutica da absolvição sacramental, experimentando o que representa em cada um de nós e nos casais escutar a palavra do perdão que a Igreja, através do ministério sacerdotal, nos diz, de modo que sejam os casais e o nosso Movimento concretamente, não apenas um sinal de esperança, mas um fermento eficaz de renovação do nosso mundo à imagem de Cristo e da Igreja. Para isso nos ajude a graça do Senhor e nos proteja a Virgem Santíssima, a de Fátima e a de Aparecida, de modo a que todos os dias possamos, sob a protecção, «fazer tudo o que Ele nos disser».

P. José Jacinto Ferreira de Farias, scj

Aparecida, 2 de Julho de 2015.

---

<sup>2</sup> Cf. ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, VIII,3,1156b 25.